

REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NO CONTO *O GENERAL INFANCIADO*, DE MIA COUTO

REPRESENTATION OF MALE IN *O GENERAL INFANCIADO* SHORT STORY OF
MIA COUTO

Regina Costa Nunes ANDRADE³⁸

RESUMO: A representação social dentro da literatura traz várias marcas do comportamento humano, uma delas é a masculinidade e a construção do imaginário do que é ser homem dentro da sociedade. Nesse trabalho, objetivamos realizar uma análise da construção do masculino em *O general infanciado*, de Mia Couto, com base em conceitos de Sócrates Nolasco, em “O masculino: um dilema contemporâneo” e “A desconstrução do masculino”; de Michel Foucault, em “O que está em jogo” e “O panoptismo”; de Elisabeth Bandinter, em “Identidade e preferência sexual”, e de Guy Corneau, em “Paternidade e masculinidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Masculino; general; dever.

ABSTRACT: The social representation into literature brings several marks of human behavior, one those is the masculinity and social construction of imaginary than which is to be man. In this work, we aimed to perform a analisys of male construction in *O General Infanciado*, of Mia couto, with base in Sócrates Nolasco concepts, in *O masculino: um dilema contemporâneo* and *A desconstrução do masculino*; of Michel Foucault in *O que está em jogo* and *O panoptismo*; of Elisabeth Bandinter in *Identidade e preferência sexual*; and of Guy Corneau, in *Paternidade e masculinidade*.

KEYWORDS: Male; general; duty.

³⁸ Mestranda em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal de Viçosa – UFV.

As representações masculinas de hoje ainda estão calcadas na construção cartesiana. Porém, a procura de uma linguagem para expressar suas emoções, bem como a busca de uma redução dos níveis de violência e uma intensificação no envolvimento com a paternidade passam a caracterizar para o homem a transição de um modelo de representação cartesiano para um outro freudiano.

Sócrates Nolasco

O conto *O general infanciado*, do escritor moçambicano Mia Couto, faz parte da coletânea *Contos do nascer da Terra*, composta por 35 contos publicados em quatro volumes em 1997, trazendo, em sua maioria, contos publicados em jornais e revistas em no ano anterior. O conto que escolhemos objeto de nossa análise narra a história do General Orolando Resoluto, casado com Rosanita e pai de Cristóvão, e se passa no ambiente familiar em seu deflagrar com a paternidade.

O general cumpre à risca o papel masculino esperado socialmente, realiza os hábitos tradicionais e veste-se de corpo e alma com a farda militar. Provavelmente por seguir, de certa forma, uma cartilha de saberes subentendidos social e culturalmente, acaba por ter um comportamento distanciado e sem afetividade para com o filho, o que preocupa Rosanita, que se emprega às preces, já que é “formada em credo e cruz”, e se mantém passiva perante o marido, comportamento que lemos como forma de atendimento ao que se é esperado de uma boa esposa.

Os nomes das personagens são, em si, muito significativos e anunciadores de suas características, o que é próprio da obra miacoutiana. Iniciemos pelo pai: General Orolando Resoluto. A patente militar precede a apresentação da figura masculina e a individualidade (nome) sendo que, conforme Guy Corneau, o Exército representa a figura do “pai coletivo”, já que é o lugar “onde fabricam homens duros, puros e viris” (1995, p. 44).

No nome do protagonista, por sua vez, temos Orolando → “oro”= ouro + “lando”= terra, o qual seria uma variação de “Orlando”, que significa “natural da

terra gloriosa”, nome com sentido patriótico, que vai de encontro ao discurso militarista presente em Moçambique no período de composição do conto. O sobrenome “Resoluto” antecipa as descrições que o narrador faz do general, que é um homem decidido, fechado, impávido e enrijecido. É visto por sua esposa, devido ao seu comportamento, como cheio de “machice”.

Rosanita, esposa do general e mãe de Cristovão, é apresentada como uma mulher dócil e disciplinada para o matrimônio por meio da religião, pois mal saiu da “catequese ela catecasou-se”, trocadilho que expressa a consagração do matrimônio. Seu nome é composto por “Rosa”= bela flor + “Anita”= cheia de graça, bem propício à devoção religiosa por ela apresentada. Posiciona-se em relação ao marido apenas no tocante ao filho, assim vai “a mãe sempre rezando para que o marido se detivesse um simples instante de ternura. Ao menos o santificado nome do miúdo operasse em Orolando um desatendido milagre. Em vão” (COUTO, 2014, p.176).

O filho do casal, por insistência da mãe, que desejava nome de santo – único momento em que expressa ímpeto deliberadamente, afinal seria uma maneira de “lhe dar garantias” –, é batizado de Cristóvão, que significa “o que carrega Cristo”. Esse nome foi escolhido a contra gosto do pai, que desejava nome de guerreiro, afinal “havia mandos da tradição, regulamento de família. Depois o que se impunha era nome guerreiro, não fosse a criança amolecer logo de apelido” (COUTO, 2014, p.176). Por fim, o menino recebeu o apelido de “Cristovinho” como nota de ternura.

Na disputa pelo nome do filho, já se vê o primeiro indício de falha na rigidez do general, pois ocorreu o inverso de sua vontade, o filho recebeu nome de santo e apelido carinhoso, o que, na ótica do pai, poderia vir a amolecê-lo, prejudicando sua formação masculina. Desse modo, temos no conto a representação da formação do que se espera de um novo membro da sociedade desde a escolha do nome pelos pais, o qual já irá marcar sua formação, bem como

sua masculinidade. O pai opera como modelo, repetindo a formação masculina militar desligada de vínculos afetivos.

Assim, a submissão ao poder, aos mandos institucionalizados e o sujeitamento da individualidade do general Orolando remete à análise de Foucault, pois “em face de um poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito – que é “sujeitado” – é aquele que obedece” (FOUCAULT, 1988, p. 82). O general cumpre essa obediência, as coisas devem ser por que assim eram, conforme a tradição determina, é esse seu principal argumento.

Sua instrução e patente de general asseguram essa obediência que, por sua vez, anula as características individuais em prol da aprovação pelo pai coletivo e cumprimento do dever social. O exército é a estante social máxima da masculinidade. Esta personagem é o modelo esperado da figura masculina: militar, heterossexual, casado, pai e cumpridor da ordem. Dessa forma, o general Orolando se afirma por meio de características coletivas, evitando, assim, qualquer dúvida externa sobre si, mesmo que isso lhe sufoque manifestações de gostos e desejos próprios. Nega a si mesmo para afirmar sua masculinidade.

A pátria, como seu nome sugere, é o único amor do general Orolando. Casa-se por “dever biológico, contrato social”, a família é apenas mais uma imposição. Sujeita-se a esse “dever” para cumprir com o patriarcado e se afirmar enquanto homem, já que a:

sociedade patriarcal, portanto, sacraliza o casamento ao mesmo tempo que marginaliza a homossexualidade. Tais valores servem de referência para a delimitação dos contornos de um homem, que tem no machismo o parâmetro para se situar diante do mundo (NOLASCO, 1993, p. 38).

Desse modo, o casamento estabelece um processo de alteridade que venha a confirmar sua masculinidade, dispensando a subjetividade, pois “em nossa civilização [ocidental] predomina a ideia de que um homem de verdade prefere uma mulher, como se possuir uma mulher reforçasse a alteridade desejada,

afastando o espectro da identidade: *ter* uma mulher para não *ser* uma mulher” (BADINTER, 1993, p. 99). A sacralização do casamento, na análise de Nolasco (1993), remete ao trocadilho “catacasou”, o que reitera o papel masculino de *não ser uma mulher* possuindo uma esposa para o estabelecimento dessa alteridade e sua afirmação enquanto homem, pois a instituição militar é predominantemente masculina.

A família é levada no sentido de mais um dever para o general, como qualquer outra responsabilidade militar. E, assim, o protagonista se mantém distante afetivamente da esposa, distanciamento que aumenta ainda com o nascimento do filho, que como evidencia o narrador, “por obrigação”, seria “sua primeira e única descendência” (COUTO, 2014, p. 175), a demonstração de sua virilidade. Portanto, Orolando atinge o ideal de masculinidade por completo, sendo que:

O poder não “pode” nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz discontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam a forma geral do limite e da lacuna (FOUCAULT, 1988, p. 81).

É essa proibição ao prazer que está presente no matrimônio de Rosanita e Orolando, gerando uma separação física e emocional, não havendo a presença de amor entre o casal. Nessa relação, as funções sociais do homem e da mulher são específicas e delimitadas, uma vez que o marido pertence ao espaço público, ao quartel; a mulher ao espaço privado, ao lar e aos cuidados com o filho.

Além disso, Orolando Resoluto se mantém na figura de “militarão” distante do filho, pondo “cobro às excendentárias alegrias” do menino, que em tudo inventava brinquedo, por se tratar de uma criança que “começava o serviço de infância”, conforme detalha o narrador, passando o pai, no cobro de uma suposta ordem, até mesmo em casa, se portar apenas como coronel, lançando ao filho um “olhar gélido de quem passa revista às tropas” (COUTO, 2014, p. 176).

Essa reavaliação da identidade masculina, segundo Nolasco, é algo atual, fazendo com que sejam repensados os modos seguidos pelos homens, no caminho de compreensão deles mesmos, do sentido de suas vidas e suas interpretações dos modelos de masculinidade encontrados nos homens que os cercam. Por exemplo, repensar a figura masculina tendo o pai e o avô como referentes, pois “estes por sua vez mantinham-se distantes afetivamente, posicionando-se diante de filhos e netos como juízes zelosos e preocupados com suas performances na vida” (NOLASCO, 1993, p. 38). Essa observação corrobora com papel de pai distanciado do filho presente no conto, pois, o general repete para com o filho o modelo de paternidade com o qual cresceu tendo como referência, e que, também, é próprio da instituição militar, onde a organização hierárquica e a disciplina suplantam a afetividade em detrimento da padronização.

O general não expressa subjetividade, se comporta com o filho “mais [como] inspetor [do] que parente”, pois não se dissocia do militarismo, o que demonstra que: “razão geral e tática que parece se impor por si mesma: é somente mascarando uma parte importante de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso está na proporção daquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos” (FOUCAULT, 1988, p. 83). Logo, repete o modelo de masculino com o qual fora educado e tem convivido.

Ao focar em Rosanita, o narrador traz as vozes dos discursos sociais de legitimação desse comportamento masculino do marido, sua dissociação do ambiente familiar e “desatenções” com a esposa e, segundo a perspectiva desta, a “machice é arrogância dos que têm medo, mais excluídos que emigrantes. Só as mulheres são indígenas da vida” (COUTO, 2014, p. 175). Dessa maneira, o homem é o colonizador, o emigrante sem fixação, que usurpa e se apropria como único dono. Nas palavras de Walter Boechat, “o homem cria seu próprio mundo através da conquista da natureza, normalmente atribuída ao feminino” (BOECHAT, 1995, p.34). A mulher, então, é a que está ligada à natureza, sofre pela dupla colonização.

Essa dominação está ligada ao discurso de poder, o qual, “sem dúvida devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (FOUCAULT, 1988, p. 89). Cabe ao homem, nessa perspectiva, o exercício dessa dominação, sem que para tal haja uma manifestação direta de algum aparelho estatal, pois isso está internalizado nas práticas sociais.

A narrativa opera uma reviravolta no comportamento de Orolando Resoluto quando Cristovinho desaparece em brincadeiras nas imediações da casa. A mãe e a tia mantêm-se presas ao lar, cabendo ao homem o papel de resgatar o menino. A cena picaresca do resgate do “miúdo” acaba por se tornar uma “missão de honra”, momento em que há uma crítica ao militarismo, pois “na falta de guerra há que inventar outros belicismos” (COUTO, 2014, p. 177). Assim, o general ostenta sua farda e medalhas na empreitada de resgate do filho, passando a travar uma cômica batalha com o balão que o menino perseguia.

Nessa cena quixotesca, o filho se comporta, segundo o narrador, como se finalmente o pai “se decidiu a brincadeiras”. O balão consegue uma larga vantagem sobre o general que, enfurecido, saca a pistola e atira. Esse excesso de violência é resultado da operação de mudanças no comportamento que, para os homens, acaba gerando um esgotamento de palavras para mediar suas ações (cf. NOLASCO, 1995, p. 28). Com o susto, Cristóvão se fere e é amparado pelo general, primeiro momento desde seu nascimento que é acolhido pelo pai, e descansa em seu colo.

A partir desse momento, o general passa a sentir-se ligado ao menino. Seu dia passa a se dividir entre o quartel e brincadeiras com o filho, negligenciando de vez a esposa:

Orolando Resoluto escapa do quartel e entra em casa, urgente, sem cumprimentar esposa nem para no televisor. Vem ver o filho, escutar suas brincadeiras. Fim de tarde, ele pega a mão do menino e vai passear com ele, compra-lhe doces, mimos.

A mulher contenta-se, crendo em milagre. Mesmo que Orolando, agora, apenas lhe preste desatenções. Não é só ela a alheada. O general vai

amolecendo a ponto de esquecer as invioláveis obrigações. A carreira de militar está agora descarreirando (COUTO, 2014, p. 178).

Ao se ligar afetivamente ao filho, Orolando “desenrijece”, encontra a meninice que há em si. Desse modo, “não se trata de imaginar que o desejo é reprimido, pela boa razão de que é a lei que é constitutiva do desejo e da falha que o instaura” (FOUCAULT, 1988, p. 79). Portanto, o protagonista liberta-se das amarras da repressão do desejo por meio do vínculo afetivo com o filho. Fato esse que está em consonância com a observação de Nolasco, já que:

As conseqüências mais diretas da reavaliação da representação masculina, iniciadas em núcleos psicológicos, suplantaram o temor desses núcleos de que forma de condução desta reavaliação pudesse eliminar sua dimensão política, reduzindo-a a um problema psicológico. [...] Para isto, precisam perceber que o caminho só se faz a partir dos sucessivos investimentos afetivos que estabelecem. Serão esses investimentos que os alimentarão, mas também os dilacerarão, resgatando o próprio exercício de viver, que ficou perdido na morte daquele que viver da tradição do esquecimento do amor (NOSLACO, 1993, p. 34).

Por ser ainda pequeno, Cristóvão não possui ciência dos modelos sociais que o cercam, passando a ser esse agente transformador que, sendo decorrente da “obrigatória paternidade”, conecta-se ao desejo interior de Orolando. Fazendo emergir a subjetividade deste, a partir do rompimento com o ideal do masculino social para resgatar seu “próprio exercício de viver”. A mudança é operada tão intensamente, que em determinado momento, o general, distraído, vai para o quartel ainda usando uma máscara com que brincava com o filho, fato que demonstra sua imersão no espaço privado do lar.

Sobre esse desfecho, salientamos que:

Da mesma forma que a rede das relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos [exército] e as instituições [família], sem se localizar exatamente neles, também a pulverização dos pontos de resistência [filho] atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais. E é certamente a codificação estratégica desses pontos de resistência que torna possível uma revolução (FOUCAULT, 1988, p. 92).

Logo, o filho por meio da ingenuidade infantil, não está imbricado das amarras sociais de formação do masculino e do sujeito, e assim estabelece contato com o sentimento de desejo e de vontade própria, que residiam adormecidos no pai. Segundo Foucault, as redes de relações de poder são internalizadas de modo que não venha a ser necessário a vigilância contínua, tal qual, no modelo do panoptismo. É o rompimento com essa necessidade de constante vigilância, de afirmação da masculinidade e perpetuação de seu modelo que opera a mudança em Orolando Resoluto.

Por fim, o general passa a se ausentar cada vez mais do quartel, até que definitivamente se demite, passando a ficar em casa exclusivamente com Cristovinho. Este, por ser o “que carrega Cristo”, expressa, juntamente com sua mãe, o viés da religiosidade na narrativa, pois, ao permanecer com Cristóvão, o general encontra a alegria das brincadeiras e da vida, deixando por completo o ofício belicoso.

Assim, a representatividade do modelo de masculinidade, do controle e imposição social, da organização familiar enquanto instituição são presentes na narrativa aqui analisada. Além disso, o título do conto traz o termo “infanciado” que, em um primeiro momento, remete a infantaria, já que se trata de um general. Mas há uma mudança desse significado operada no conto, passado ao sentido de criança, infância, infante, podendo ser lido como a narrativa de um homem que estabelece conexão com sua criança interior. A mudança de comportamento e retratação da figura masculina operada por completo em prol da exteriorização do desejo independente das expectativas do controle social, tal qual a mudança de representação masculina em detrimento da subjetividade.

BADINTER, Elisabeth. Identidade e preferência sexual. *In: ____*. *XY: sobre a identidade masculina*. Trad. Maria Ignez D. Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOECHAT, Walter. Os arquétipos masculinos. *In: NOLASCO, Sócrates (org.)*. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

BUENO, André. “O sentido social da forma literária”. *In: ____*. *Literatura e Sociedade: narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

CORNEAU, Guy. Paternidade e masculinidade. *In: NOLASCO, Sócrates (org.)*. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

COUTO, Mia. O general infanciado. *In: ____*. *Contos de nascer da Terra*. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

FOUCAULT, Michel. O panoptismo. *In: ____*. *Vigiar e Punir*. 38 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. O que está em jogo. *In: ____*. *História da sexualidade I: a vontade do saber*. Trad. Maria Thereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

NOLASCO, Sócrates, Alvares. O masculino: um dilema contemporâneo? *In: ____*. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. *In: ____*. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Referencial eletrônico

<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>

<http://contosdeaula.blogspot.com.br/2010/09/o-general-infanciado.html>